

Ação extensionista de teatro no ensino fundamental: reverberações na formação inicial de professores

Theater extensionist action in elementary school: reverberations in initial teacher education

Vanessa Caldeira Leite

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
E-mail: vanessa.leite@ufpel.edu.br

Andrisa Kemel Zanella

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
E-mail: andrisakz@gmail.com

Resumo

O texto aborda sobre a trajetória de cinco anos do Projeto de Extensão “Vivências Teatrais em Escolas”, vinculado ao Curso de Teatro-Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, que desenvolve oficinas de teatro com crianças e adolescentes dos anos finais do ensino fundamental, em uma escola pública de uma cidade do sul do Rio Grande do Sul. Apresenta o contexto social e cultural da cidade e como se deu a parceria universidade e escola. As reflexões tratam sobre a dinâmica do projeto, das aulas de teatro e das escolhas e estratégias metodológicas, do processo de criação coletiva e apreciação estética, dos avanços percebidos e dos desafios que a pandemia de Covid-19 trouxe para a continuação das ações desenvolvidas. Como aportes teóricos do trabalho realizado e que embasam esta escrita destacamos: Boal (2004), Ferreira (2006), Kischimoto (1993), Spolin (2004; 2005). Ao final, refletimos sobre a interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade, ao fomentar a arte e a cultura no espaço escolar e no município de Pedro Osório. E, a importância de projetos de extensão na formação inicial de professores, ao possibilitar a vivência dos conhecimentos no cotidiano da comunidade, reverberando em aprendizagens que se dão na escola como espaço de diálogo, experimentação e partilha de saberes.

Palavras-chave

Teatro. Ensino Fundamental. Pedagogias do Teatro. Formação inicial de professores. Extensão Universitária.

Abstract

The text deals with the five-year trajectory of the Project of Extension of Theater Experiences in Schools, linked to the Degree in Theater-Licentiate, of the Federal University of Pelotas, which develops workshops with children and adolescents in the last years of elementary school, in a public school in a city in the south of Rio Grande do Sul. It presents the social and cultural context of the city and how the university and school partnership came about. The reflections deal with the dynamics of the project, the theatre classes and the methodological choices and strategies, the process of collective creation and aesthetic appreciation, the progress perceived and the challenges that the Covid-19 pandemic brought to the continuation of the actions developed. As theoretical contributions of the work carried out and that support this work we highlight: Boal (2004), Ferreira (2006), Kischimoto (1993), Spolin (2004; 2005). Finally, we highlight the dialogic interaction between the academic community and society, promoting art and culture in the school space and in the municipality of Pedro Osório. As well as, the importance of extension projects in the initial education of teachers, to enable the experience of knowledge in the daily life of the community, impacting on the learning that takes place in the school as a space for dialogue, experimentation and exchange of knowledge.

Keywords

Theater. Elementary School. Theater Pedagogies. Initial teacher education. University Extension.

Introdução

Este artigo tem como foco o ensino de teatro, através de oficinas em contraturno, em uma escola pública de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental¹. As aulas de teatro acontecem semanalmente através de oficinas vinculadas ao Projeto de Extensão “Vivências Teatrais em Escolas”, do Curso de Teatro-Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas e conta com três acadêmicos do curso, sendo um bolsista de extensão e dois voluntários.

Defende-se que durante a educação básica, todos os alunos devem perpassar pelas quatro modalidades artísticas: artes visuais, dança, música e teatro. Atualmente, o ensino de teatro em escolas públicas ainda é bastante reduzido. Assim, o projeto foi criado para fomentar a arte teatral e a cultura no espaço escolar, por meio da criação artística, apreciação estética e reflexão sobre temas da atualidade, incentivando a inserção do teatro nos currículos escolares e a contratação de professores efetivos.

Destacam-se algumas percepções e reflexões sobre os avanços e desafios de ensinar teatro para crianças e adolescentes, carentes de uma cultura teatral, sem acesso ao ver e ao fazer teatro, que pode ser apontada como uma característica do contexto social em que a escola e a cidade se encontram. Ainda, procura-se visibilizar a importância de ações extensionistas² que, além de cumprirem com o papel social e político da universidade pública para com a sociedade, acabam por reverberar positivamente na qualidade da formação de professores para a educação básica.

Para tanto, o artigo está organizado em três seções nas quais discorre-se, primeiramente, sobre o contexto do projeto, com breves características sociais e culturais da cidade e como se deu a parceria da universidade com a escola. Em seguida, trata-se da dinâmica das aulas de teatro e das escolhas e estratégias metodológicas, do processo de criação artística e apreciação estética, dos avanços percebidos e dos desafios que a pandemia de COVID-19 trouxe para continuação da extensão. Ao final, procura-se refletir sobre as reverberações de projetos de extensão na formação inicial de professores, tendo a escola como espaço de diálogo e aprendizagens.

O contexto do projeto de extensão e a relação escola e universidade

Pedro Osório³, uma pequena cidade com uma população estimada de 7.683 pessoas⁴, compartilha das mesmas dificuldades econômicas e sociais de muitas cidades do interior do Rio Grande do Sul, o que corresponde a pouco acesso às atividades artísticas e baixo incentivo público para financiar espaços culturais e ações de grupos e companhias de artes cênicas na cidade.

Por outro lado, em Pedro Osório, “existe um meio artístico-cultural muito especial, fruto do trabalho de algumas pessoas que se unem e buscam movimentos artísticos para a população, pois as políticas públicas não conseguem garantir esse acesso” (LEITE, 2013, p.38). Observa-se uma cidade com muito potencial para as artes, com pessoas da comunidade envolvidas em mostras culturais e festivais, que são característicos da região e representativos do desejo genuíno dos pedro-osorienses pelas artes.

Embora com muitas potencialidades percebe-se que falta uma cultura de acesso às diferentes manifestações artísticas, organizado e financiado pelo poder público, para garantir uma política de promoção e incentivo para as artes, principalmente, em

1 Este artigo revisa e amplia algumas reflexões e relatos feitos em resumos publicados em Anais do Congresso de Extensão e Cultura dos anos de 2019, 2020 e 2021, nos eixos de Cultura e Educação, com autoria dos ministrantes Naylson Rodrigues Costa, Carla Silva Araújo e Cláudia Lemes Gigante, com coautoria das professoras coordenadoras do projeto. Anais disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/>

2 O texto da Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012, p.5) reafirma a extensão universitária “como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade”. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

3 Pedro Osório, outrora denominada “Olimpo” é um pequeno município gaúcho constituído às margens do Rio Piratini, situado na região sul do estado do Rio Grande do Sul, a 357 Km de distância da capital gaúcha (TORRES, 2014).

4 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/pedro-osorio.html> Acesso em: 30 mai. 2022.

se tratando do público infanto-juvenil que carecem de espaços culturais e de lazer, para apreciação e criação. Esta é uma realidade de muitas cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul.

A EMEF Getúlio Vargas é uma instituição que vem cumprindo um papel fundamental com a comunidade. Atende cerca de 283 estudantes do ensino fundamental, com um quadro de 42 funcionários. A instituição vem recebendo oficinas de iniciação teatral todas as semanas, durante o período letivo da escola, desde 2017, no contraturno das aulas curriculares, com estudantes do 6º ao 9º ano, através do projeto “Vivências”. Em depoimento⁵ sobre o surgimento desta parceria, a professora de artes da escola, colaboradora do projeto, que trabalha na instituição há dezesseis anos nos conta que:

Por ser professora de artes visuais entendo que o aluno deve ter contato com as outras linguagens artísticas (teatro, dança e música) para experimentar, conhecer e desenvolver as capacidades de percepção, sensibilidade e autoconhecimento. Não possuindo habilitação, e não havendo oferta de vagas para professores de teatro, até o momento, no município, minha busca é que a Escola oportunizasse aos alunos essa experiência através de oficinas teatrais. Surgiu então a necessidade de buscar a parceria da universidade e assim ofertar um trabalho de qualidade e que tem como prioridade o desenvolvimento de um ser sensível, evitando distorções sobre o teatro na escola (Professora de Artes, 2017, registro dos autores).

A fala da professora retoma a urgência de professores habilitados em artes visuais, dança, música e teatro, em todos os níveis da educação básica, conforme indica a Lei 13.278/2016⁶, que prevê a isonomia entre as linguagens artísticas. Este é um ideal de escola que permite ao estudante a aprendizagem de diferentes linguagens da arte com professores específicos, há muito tempo defendido pela

Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB) e por professores, artistas e pesquisadores da área. A professora, formada em artes visuais, percebendo a necessidade de desenvolver um trabalho com o teatro, procurou a universidade para formar uma parceria.

Das possibilidades de experienciar teatro no contraturno da escola

Buscando visibilizar as possibilidades criadas pelas oficinas de teatro no contraturno da escola, apresenta-se o projeto a partir de cinco pontos que foram fundamentais neste processo, evidenciando a trajetória vivida em diálogo com os alicerces teóricos que subsidiam o trabalho que vem sendo realizado.

a) O jogo como princípio norteador na rotina de trabalho das oficinas:

As oficinas começaram a ser desenvolvidas no ano de 2017 a partir de diferentes metodologias para o ensino de teatro. Como embasamento a subsidiar o trabalho: os jogos tradicionais, alicerçados nos estudos de Tizuko Kischimoto (1993), jogos de improvisação e jogos teatrais, com base em Viola Spolin (2004; 2005), jogos e exercícios sensoriais, de ritmo e relaxamento corporal, com base em Augusto Boal (2004).

Procura-se manter certa rotina de trabalho, de modo a facilitar a adaptação e o entendimento dessas atividades. Primeiramente, acontece a preparação do corpo com exercícios de alongamentos físicos e jogos de aquecimento corporal com brincadeiras e jogos tradicionais, como: pega-pega; morto-vivo; detetive; coelhinho sai da toca; queimada, entre outros, estimulando a agilidade, o condicionamento físico, a coordenação motora, a atenção, a coletividade, a concentração e a expressão corporal.

Os jogos tradicionais já compõem o repertório de brincadeiras conhecidas pelos estudantes. São muito importantes para se introduzir a linguagem do fazer teatral, criando possibilidades e situações para se conhecer melhor o grupo, pois permitem o senso de cooperação, de prontidão, de atenção às regras do jogo, por serem “atividades de aquecimento físico ou direcionadas unicamente para o fortalecimento da noção de cooperação” (JAPIASSU, 2011, p. 80). E ainda, os jogos tradicionais compõem a cultura popular e guardam a produção de um povo, em determinado período histórico.

Conforme apresenta Kischimoto (1993), os jogos tradicionais, assim como a cultura popular,

5 O depoimento também consta no vídeo Vivências Teatrais em Escolas 01-2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VpZ_rSvno3k Acesso em: 06 jun. 2022.

6 Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm. Acesso em: 06 jun. 2022

estão sempre em transformação, incorporam criações anônimas e passam de geração em geração pela oralidade, de modo que não se conhece a origem desses jogos. Já conhecidos pelos estudantes, além de serem prazerosos, os ajudam a entrarem em sintonia enquanto grupo e preparam para o foco no jogo, nas regras e desencadeiam no corpo o estado de atenção e prontidão, condições necessárias para a prática teatral.

Posteriormente, são trabalhados os jogos e exercícios com o foco na sensibilização, consciência corporal, ativação dos sentidos, concentração e confiança em grupo. A título de exemplificação, traz-se a série das caminhadas (Figura 1), proposta por Boal (2004). As caminhadas no espaço, em que o grupo anda aleatoriamente pelo espaço da sala, respondendo a diferentes estímulos, para desconstruir estereótipos e “desmecanizar” os corpos. Segundo Boal (2004, p.102): “mudar nossa maneira de andar nos faz ativar certas estruturas musculares pouco utilizadas e nos torna mais conscientes do nosso próprio corpo e de suas potencialidades”.

Figura 1 - Oficina com estudantes da escola, atividade de caminhadas



Fonte: Acervo do projeto

Os jogos teatrais, abordagem apresentada por Viola Spolin (2005), também são fonte de estudo e planejamento para as oficinas, por ser uma metodologia de ensino do teatro muito eficaz para grupos de adolescentes. Esta metodologia trata de um processo de aprendizagem teatral, por meio de jogos de regras e da representação corporal consciente, através da fisicalização (tornar real um objeto invisível ou uma emoção), contrária a dramatização como

mera imitação ou cópia.

A improvisação acontece após um breve acordo e combinações no grupo para resolver um problema cenicamente, desenvolvendo habilidades de criação e expressão corporal, através do “Ponto de Concentração” ou “Foco” e da estrutura tríplice que compõe o sistema dos jogos teatrais: “Quem, Onde e O que”. O estudante aprende com a sua ação corporal os elementos constitutivos da linguagem teatral (personagem, espaço e ação dramática), além de torná-lo mais seguro em relação ao jogo, às regras e ao trabalho em grupo. Isso porque o ato da experiência desenvolve sua expressão criativa, através da resolução de problemas colocados pelo próprio jogo teatral, proposto pelo professor.

Ao final do jogo, a avaliação é feita pela plateia que assistiu o grupo de jogadores, na tentativa de compreender se foi resolvido cenicamente o problema inicial, mostrado com o gesto corporal e não contado através da fala ou gesto estereotipado. Para Spolin (2004, p.24):

As oficinas, nas quais cada jogo tem um foco e geralmente uma plateia que avalia, ajudam muito. Neste ambiente de avaliação, todos se esforçam para se livrar da crítica subjetiva. Os comentários de bom/mau transformam-se em *Dentro do foco!*, *Fora do foco!*. Eles solucionaram o problema?

O papel dos ministrantes é o de conduzir uma avaliação com base no foco do jogo ou no problema anunciado, sem julgamentos ou críticas.

O encerramento das aulas se dá com relaxamento corporal, quando normalmente é utilizado música instrumental e diferentes estímulos narrativos para trazer tranquilidade através da imaginação. Também se utiliza da sensibilização e percepção do corpo como forma de relaxamento, para ficarem conectados com o momento presente.

Após o relaxamento, propõe-se o círculo de discussão (Figura 2), “nele, apresenta-se os protocolos referentes às sessões anteriores e discutem-se as descobertas realizadas pelo grupo com as práticas dos jogos teatrais” (JAPIASSU, 2001, p.71).

Figura 2 - Oficina com estudantes da escola, círculo de discussão



Fonte: Acervo do projeto

b) O diário como registro e reflexão do vivido:

Após o círculo de discussão um novo momento: a escrita do protocolo, que foi nomeado por “diário de bordo coletivo” (Figura 3), caracterizando-se como registro das aprendizagens e experiências. Ao final de cada encontro, um estudante leva consigo o diário para registrar de maneira livre, as sensações e impressões a respeito do que foi vivenciado. O diário escrito pelos estudantes tem sido um registro no qual cada um conta a sua experiência da forma como desejar, seja com um desenho, escrevendo ou com colagens. Osicineiros buscam sempre estimular os estudantes a expressarem de diversas formas, não apenas com texto.

O diário é um espaço em que os estudantes são convidados a partilhar anseios e expectativas pessoais e coletivas acerca das oficinas de teatro na escola. Segundo Gonçalves (2013):

Ao disponibilizar seus corpos para a aprendizagem em arte, os alunos de teatro acabam não fazendo anotações em seus cadernos, cópias do quadro-negro, colagens e tarefas, como na maioria das disciplinas que integram as práticas escolarizadas. Os protocolos constituem-se, desse modo, uma metodologia utilizada pelo professor para que os alunos possam se manifestar por meio de materialidades discursivas sobre suas aulas (GONÇALVES, 2013, p.108).

Ou seja, a ideia do diário é que os estudantes se sintam livres a expressar não só como se sentem diante da proposta do projeto, nessa “escrita do protocolo encontra-se a descrição dos jogos e as descobertas feitas na avaliação da vivência sensório-corporal experimentada” (BOY, 2013, p. 66) e o que foi compreendido até o momento nos encontros e quais as expectativas geradas pelo projeto, tudo isso de maneira livre.

A importância do diário coletivo se dá por ser um meio de comunicação entre os estudantes e osicineiros que ocorre de outra forma e num outro tempo. Uma solução encontrada para ouvir aqueles que, por vezes, não se sentem confortáveis em expressarem-se por meio da fala, no momento do círculo de discussão.

Figura 3 - Página do diário com o depoimento do estudante



Fonte: Acervo do projeto

c) Processos de criação coletiva: a imaginação ganha corpo e ação

Desde o início do projeto reforçou-se a ideia de que o objetivo não era formar atores ou montar espetáculos teatrais, mas surgiu, por parte dos estudantes, já no primeiro ano, uma necessidade de experienciar o fazer teatral, o estar em cena diante de um público.

Aos poucos, os jogos teatrais foram originando improvisos bastante elaborados e decidiu-se construir um material cênico para ser socializado com a comunidade escolar, no ano de 2017. Para isso, os estudantes passaram uma tarde na biblioteca da escola em busca de livros que fossem interessantes para eles. Organizados em três grupos, tiveram que

selecionar uma obra para cada grupo. As três obras escolhidas foram: “Lá vem o homem do saco”, de Regina Rennó (2013), “Os sete camundongos cegos”, de Ed Young (2011) e a poesia “Vai já pra dentro menino”, da autoria de Pedro Bandeira (2002). A partir do debate acerca da reescritura dessas histórias pelos estudantes, conseguiu-se elaborar uma única narrativa que englobasse as três obras e com ela, construiu-se uma cena de forma dialógica, buscando atender às necessidades e dar espaço para a expansão das ideias de todos os estudantes.

Em 2018 foi elaborada uma cena intitulada “O amigo secreto”, de modo colaborativo⁷, tendo como pano de fundo o tema natalino que abordou uma típica cena de confraternização entre amigos. A cena foi baseada nos jogos teatrais (SPOLIN, 2005) que já faziam parte das oficinas, tais como: as caminhadas pelo espaço, dar e tomar o foco e a exercícios de fiscalização de objetos invisíveis. A criação dos personagens foi uma escolha dos próprios estudantes, com uso de figurinos e adereços.

Já em 2019, a criação artística novamente tomou força. A partir das oficinas realizadas, destacam-se dois momentos significativos: a cena criada a partir do texto “Os mentirosos” de Maria Clara Machado (1984, p. 46) e apresentada para as turmas da escola. E o “Experimento Água” (Figura 4), apresentado para a comunidade escolar.

A criação de “Os mentirosos” aconteceu em pequenos grupos que criaram ações e movimentos, usando as primeiras frases do texto, tendo como elemento principal o coro. A cena foi apresentada três vezes, em diferentes espaços, no auditório (lugar onde são realizadas as oficinas), numa sala de aula e no pátio, para estudantes, funcionários e professores.

O processo intitulado “Experimento Água” foi baseado na história da cidade, trazida pelos estudantes, que inúmeras vezes contavam sobre as recorrentes enchentes, ocorridas antes mesmo deles terem nascido. O elemento água foi o estímulo de criação. A partir das histórias, cenas improvisadas foram gerando um fio condutor narrativo, juntamente com a utilização de tecidos e elementos da dança-teatro para compor uma montagem. Tecidos que se

transformavam ao longo da cena em água, barcos, oferendas, figurino da lemanjá, trouxeram potência, ritmo, harmonia e leveza à cena. O espetáculo foi apresentado numa noite específica para a Mostra do Projeto de Teatro na escola.

Figura 4 - Cena do Experimento Água



Fonte: Acervo do projeto

O desenvolvimento corporal e criativo do grupo, a construção deste trabalho colaborativo, a narrativa criada, o dia reservado para o teatro na escola, a presença da comunidade escolar, são indícios do amadurecimento do projeto e da importância que este adquiriu na vida dos estudantes e dos futuros professores de teatro, bem como, um espaço de reconhecimento da equipe diretiva pelo teatro.

d) A apreciação estética como elemento na formação do estudante do ensino fundamental

Buscando potencializar o repertório cultural dos estudantes a partir da recepção de espetáculos de qualidade e assegurar a ampliação das suas experiências com manifestações artísticas, apostamos na apreciação estética como elemento fundamental na constituição dos sujeitos e formação de público. Tal aposta corrobora com Ferreira (2006) quando diz que:

Para “viver” a experiência de ser espectador de teatro, é preciso deslocar-se no espaço físico e ficcional, “penetrar” no espaço tempo efêmero e único do espetáculo, ir até o teatro. Pode ser que o teatro vá até seu público, como no teatro de rua e quando apresentações acontecem nas dependências da escola onde o espectador mirim se encontra, ainda assim, é necessário sair da sala de aula, tomar um lugar para si na pla-

⁷ Tem-se como referência a ideia de teatro colaborativo apresentada por Fischer (2010, p.61): “Conceitualmente, entende-se por processo colaborativo o procedimento de grupo que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas, sob uma perspectiva democrática ao considerar o coletivo como principal agente de criação e aglutinação de seus integrantes”.

teia, colocar-se espacialmente para estar apto (enxergando, ouvindo, concentrando-se ou interagindo, conforme a proposta da encenação) ao “momento da assistência”, à “comunhão teatral” entre atores e espectadores (FERREIRA, 2006, p.32).

Com este intuito de possibilitar que os estudantes vivenciassem o papel de ser espectador, organizou-se a primeira atividade de recepção, realizada em agosto de 2017, com a ida do grupo até a cidade vizinha para assistirem ao espetáculo teatral: “Dona Frida”, da “Cia. de Teatro Você Sabe Quem”, com direção de Thales Echeverry e elenco: Aline Cotrim, Dâmaris Cogno, Diego Carvalho, Eduarda Bento.

Em 2018, levou-se até a escola a aula-espetáculo: “Panorama sobre a arte do teatro: do rito ao espetáculo”, com a direção de Adriano Moraes e atuação de Carlos Eduardo Pérola. Figurinos e adereços: Marcelo Silva.

No mesmo ano, o grupo foi assistir ao espetáculo do Coletivo Meia Oito (Figura 5), “Cartão Postal”. Direção de Lucas Galho. Elenco: Alice Buchweitz, Brenda Seneme, Gustavo Brocker, Lizi Fonseca e Lucas Galho. Iluminação: Marcos Kuszner. Sonoplastia: João Vitor. Cartão Postal é baseado na obra “Os Estonianos”, de Júlia Spadaccini.

Figura 5 - Grupo com o elenco do Coletivo Meia Oito



Fonte: Acervo do projeto

Após viver a experiência de ser espectador, retomando Ferreira (2006), observou-se o quanto o grupo expandiu seu olhar em relação ao teatro, repercutindo na interação, participação e entusiasmo nas oficinas. Houve não apenas uma ampliação do

repertório cultural dos estudantes, como também um outro comprometimento e entendimento sobre a importância do teatro em suas vidas.

e) Teatro na pandemia, como foi possível?

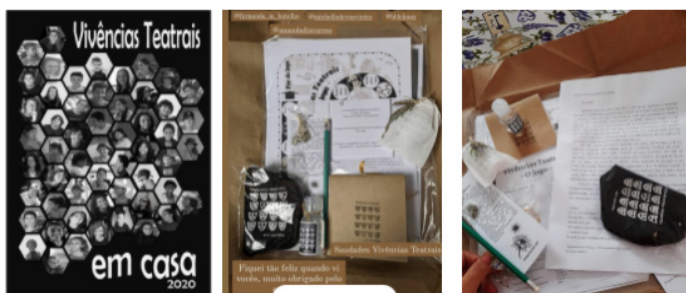
Em 2020, devido a Pandemia da COVID-19, foi necessário repensar as ações e as aproximações com os estudantes da escola. Em um primeiro momento foi utilizado o grupo do *WhatsApp* já existente, com o intuito de se aproximar dos estudantes para sugerir atividades teatrais possíveis de serem feitas em casa. Logo em seguida, criou-se o canal do projeto no *YouTube*⁸, com vídeos que trazem a história do projeto, as memórias e as experiências. Na série intitulada “Memórias do Projeto” integrantes e ex-integrantes fizeram relatos com suas lembranças sobre a experiência vivida. Em seguida, publicou-se a série “Processos Criativos” que traz uma reflexão sobre as abordagens metodológicas das oficinas, uma apresentação do processo de criação e a apresentação na íntegra do “Experimento Água”.

Além desses contatos pelas redes sociais, o grupo sentiu a necessidade de presentificar-se de maneira mais afetiva e sensível através da ação “Vivências Teatrais em Casa”⁹ (Figura 6). Essa foi uma ação decorrente da necessidade de uma reaproximação com os estudantes. Compôs o material: uma carta, um jogo de tabuleiro, cards com exercícios de autocuidado – adaptados e inspirados na obra de Patrícia Calazans (2018) – uma máscara de proteção, um pote com álcool em gel, um lápis, um bloco de anotações, sementes de girassol e um cartaz contendo fotos de todos que passaram pelo projeto.

8 Canal do Projeto: <https://www.youtube.com/channel/UCciKYILNQqW4AmQ0SsSI3Hw>

9 Vídeo sobre a ação “Vivências Teatrais em Casa”:
<https://www.youtube.com/watch?v=xei0gwb84y4&t=11s>

Figura 6 - Material “Vivências Teatrais em Casa”



Fonte: Acervo do projeto

Conforme a ideia foi amadurecendo no grupo, a ação foi tomando outras formas pois, além de se expressar por meio da carta, o grupo almejava também adentrar as casas dos estudantes de modo que eles pudessem experienciar, jogar e fazer teatro durante o período de isolamento. Assim, surgiu o “Vivências Teatrais – O jogo”. Um jogo de tabuleiro contendo dado, pinos e regras, com o objetivo de vivenciar o teatro através de um processo pedagógico e lúdico. A proposta foi alicerçada nas características do jogo descritas por Huizinga (2008):

É uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida quotidiana’ (HUIZINGA, 2008, p. 33).

Metodologicamente foi construído e pensado a partir do jogo teatral proposto por Viola Spolin (2005). A estrutura do jogo é semelhante a uma oficina teatral contendo exercícios que preparam o corpo com alongamentos, aquecimentos físicos e vocais, práticas que estimulam a criatividade e a imaginação e jogos de criação e improvisação teatral.

“Vivências Teatrais em Casa” foi entregue para todos os estudantes e colaboradores por meio da professora de Artes, seguindo os protocolos de segurança. Levar de casa em casa o material elaborado, possibilitou que os estudantes mantivessem vivo o fazer teatral, através do jogo, do sensível, do afeto e das memórias.

As reverberações do projeto de extensão na for-

mação inicial de professores

Uma das preocupações do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel é proporcionar o diálogo entre a universidade e a comunidade, a partir de projetos de extensão que insiram o discente no contexto social, com o intuito de “dotar o futuro professor ou professora de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal” reverberando uma formação que o capacite para assumir “a tarefa educativa em toda sua complexidade [...]” (IMBERNÓN, 2006, p.60).

As diferentes ações realizadas no projeto “Vivências” proporcionaram um repertório teórico e prático aos acadêmicos envolvidos resultando em uma formação mais conectada com a vida e o contexto social atual. Isto pode ser observado nos fragmentos abaixo, extraídos dos Trabalhos de Conclusão de Curso de três ex-integrantes do projeto, ministrantes das oficinas.

O Vivências, como eu chamo carinhosamente, trouxe luz para minha formação, me proporcionando diversas experiências em sala de aula, fazendo com que eu estivesse preparada para as várias questões que apareceriam na minha trajetória enquanto professora e me tornou sensível às questões mais delicadas que surgiram durante nossos encontros. Acredito que o período em que estive no projeto foi indispensável para minha formação enquanto professora-artista, pois nada melhor que a prática para se compreender a teoria. Vejo essa experiência na extensão como uma porta aberta para a docência, pois a partir daí me vi preparada para atuar nos estágios que estavam por vir. E vieram (CARDONA, 2021, p. 53-54).

Encontra-se nesta escrita a satisfação em relação à prática docente vivenciada através do projeto, oportunizando um sentimento de segurança para o exercício da profissão e na relação com a escola e com os estudantes. Os estágios vieram com menos dificuldades de comunicação com a turma, maior reconhecimento do seu trabalho desenvolvido, mais engajamento com a escola, de modo que estas experiências (projeto e estágios) trouxeram entusiasmo em relação à escolha da profissão docente, ao ver-se como professora de teatro.

Através do “Vivências” aprendi a ser professor de teatro. No decorrer de seis semestres experimentei o que aprendia

na Universidade, estudei e busquei soluções para as perguntas e dúvidas que surgiam. Aprendi a ouvir e a falar quando necessário, a organizar e a pensar uma aula de teatro. Estudei autores que pensam as pedagogias do teatro e metodologia [...] O “Vivências Teatrais” me proporcionou experiências ricas, um diferencial que foi construído com dedicação e preocupação com o retorno à comunidade, uma vivência primordial em minha formação. Me trouxe confiança, a certeza e a perseverança de que eu sou um professor-artista e que ao pisar na sala de aula a frente carrego meu corpo preto, periférico, artista (COSTA, 2019, p. 57-58).

Com a prática vinculada ao projeto, no exercício da atividade profissional, o ex-bolsista problematiza e repensa seu modo de ser professor de teatro, tanto nos aspectos exteriores – seus conhecimentos sobre os conteúdos e metodologias – quanto nos aspectos de ordem mais pessoal e subjetiva – valores, emoções, sentimentos, atitudes perante situações diversas e adversas – de tal modo que vai se constituindo uma maneira de ser professor. A característica de um extensionista assemelha-se à postura de um pesquisador, capaz de problematizar o contexto no qual sua prática está inserida, levantando hipóteses, buscando referenciais teórico-metodológicos que esclareçam seu olhar para o objeto em questão, seja o teatro na escola, a profissão docente, os temas transversais da diversidade, as relações étnico-raciais e demais práticas curriculares envolvidas no processo.

Os projetos de extensão, pesquisa e ensino fizeram parte e tiveram muita importância na minha trajetória dentro da Universidade. A partir deles pude aliar os aprendizados de sala de aula com a prática em serviço à comunidade. Acredito que essas experiências me formaram enquanto indivíduo. Além de serem disparadores para que esse projeto ganhasse forma. A partir dessas experiências, eu, de certa forma, fiz a união entre todas essas vivências para materializar essa pesquisa (ARAÚJO, 2021, p.15)

Neste fragmento, verifica-se que a acadêmica traz uma reflexão sobre as suas aprendizagens construídas com o “Vivências”, sendo um momento

intenso de autorreflexão e de reafirmação de princípios educativos que alimentam suas subjetividades docentes em formação.

Todos os acadêmicos envolvidos com o projeto estiveram abertos a mudanças de planejamentos ao refletirem sobre suas ações após cada aula, entendendo que a maior lição é a relação com a própria formação enquanto futuros educadores. Tendo como temática a própria formação, é interessante destacarmos o processo de autorreflexão e de autoavaliação que envolve as escritas dos TCCs destes ex-integrantes, tendo sua participação no “Vivências” o ponto central.

Considerações Finais

A partir das experiências desde 2017, vem sendo possível avaliar o processo e direcionar caminhos. Percebe-se pequenos avanços em relação à oxigenação gerada nos corredores e nas salas de aula. As crianças e os adolescentes envolvidos no projeto são sensíveis e sonhadores, carregam um olhar ingênuo e curioso sobre o mundo, se entregam aos jogos e as brincadeiras sem medo do novo. Identificou-se avanços gerados pelo processo, tais como: o comprometimento com o grupo, o senso de cooperação e respeito com os colegas, a busca pela concentração, o foco nos jogos improvisacionais, a criatividade na composição das cenas, a qualidade de movimentos desmecanizados na tentativa de anular estereótipos, o rápido entendimento das atividades sugeridas, diminuição da timidez, maior entrega aos jogos propostos. Experienciar teatro é uma prática pedagógica poderosa, que através do jogo e da brincadeira propicia ferramentas importantes para a formação integral do sujeito, consciente de seus direitos e deveres, na relação consigo mesmo e com a sociedade.

Sendo assim o projeto tem cumprido seu papel social enquanto extensão universitária, comprometido com a formação dos acadêmicos, com o retorno à comunidade através das oficinas e gerado saberes por meio das experiências e das reflexões. Reforça para a sociedade e para as autoridades de Pedro Osório a importância de se ter profissionais e professores habilitados em teatro.

No final do ano de 2021, com o retorno gradual das atividades presenciais o projeto voltou para a escola. A preocupação da equipe diretiva e dos professores com os estudantes (muitos desmotivados, ansiosos e com indícios de depressão), resultou na solicitação presencial das ações. Seguindo todos os protocolos, realizou-se oficinas

para as turmas dos anos finais do ensino fundamental no horário da disciplina de Artes, com o intuito de trabalhar a coletividade, a expressividade e os sentimentos inscritos em cada corpo. Em 2022, momento atual, reiniciou-se as atividades no seu formato original (no contraturno) e um novo grupo foi formado. Novos alunos, novosicineiros, muitas expectativas e possibilidades a serem vividas.

“Vivências Teatrais em Escolas”, desde o princípio, tem se construído através de um diálogo entre a universidade e a escola, uma via de mão-dupla que se dá em vários momentos, desde os encontros em que pensamos os caminhos metodológicos até a interação direta com professores, funcionários, alunos e familiares. Serrano (2012) ressalta:

a Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade (SERRANO, 2012, p. 10).

O projeto é duplamente importante, pois os professores de teatro em formação aprendem e se qualificam com a experiência e os estudantes da escola ampliam ainda mais a sensibilidade, a criação, a autonomia e a autoexpressão. Este quesito é fundamental e vai ao encontro com a Resolução CNE/CES nº 7 (BRASIL, 2018) que corrobora com a Política Nacional de Extensão Universitária e institucionaliza as Diretrizes da Extensão.

Isto porque, ao longo destes anos foi possível promover a interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade, ao fomentar a arte e a cultura no espaço escolar e no município, integrando os futuros professores ao contexto social, cultural, histórico, político e econômico da cidade, ampliando seus saberes que reverberam na trajetória acadêmica, a partir de uma postura e um olhar mais crítico e conectado ao vivido. Outro quesito, presente no inciso II do artigo 5º da Resolução citada, é a

formação cidadã dos estudantes que acontece por meio de projetos de extensão na formação inicial de professores, ao possibilitar a vivência dos conhecimentos no cotidiano da comunidade, resultando em aprendizagens que se dão na escola como espaço de diálogo, experimentação e partilha de saberes.

Diante de tudo isso, considera-se que a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico (inciso IV do artigo 5º), tem sido o pilar fundamental para os impactos tão positivos do projeto, tanto no âmbito acadêmico, quanto no social.

Referências

- ARAÚJO, Carla Silva. A cena teatral em Pedro Osório. Pelotas, 2021. 75 f. TCC (Graduação em Teatro) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2021. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/vinculos/0000d2/0000d253.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- BANDEIRA, P. Mais respeito, eu sou criança. São Paulo: Moderna, 2002.
- BOAL, A. Jogos para atores e não-atores. 6 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- BOY, T.C.S. Protocolo: um gênero discursivo na pedagogia de leitura e escrita do teatro. 2013. Tese (Doutorado em Artes cênicas) – Curso de Pós-graduação em Artes cênicas Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo.
- BRASIL. Resolução CNE/CES nº 7 de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808 Acesso em: 02 jun. 2022.
- CARDONA, Patrícia Castro. Um olhar sobre as vivências teatrais na escola. 2021. 62f. TCC (Graduação em Teatro) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2021. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/teatro/files/2022/03/TCC_Pati_BANCA18-1.pdf Acesso em: 17 ago. 2022.
- COSTA, Naylson Rodrigues. Revisitando Memórias Teatrais: o processo de formação do professor Artista Negro. Pelotas, 2019. 84 f. TCC (Graduação em Teatro) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: <http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/0000cb/0000cb3b.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- FERREIRA, T. A escola no teatro e o teatro na esco-

la. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FISCHER, S. Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras. São Paulo: Hucitec, 2010.

GONCALVES, J. C. Protocolos teatrais verbo-visuais: produção de sentidos para a prática teatral universitária. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n.2, p.106-123, Jul/Dez. 2013.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

JAPIASSU, R. *Metodologia do Ensino de Teatro*. Campinas/SP: Papirus, 2011.

KISCHIMOTO, T. M. *Jogos Tradicionais Infantis: O Jogo, a criança e a educação*. 2.edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

LEITE, V. C. *Olhares distraídos, corpos pulsantes*. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 2013.

MACHADO, Maria Clara. *Cadernos de teatro: Minha querida infância*. 100ª edição. Rio de Janeiro: O Tablado, 1984. p. 44-48.

RENNÓ, R. *Lá vem o homem do saco*. São Paulo: FDT, 2013.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. *Avaliação institucional da extensão universitária na UFPB: a regulação e a emancipação*. 2012. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4689/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SPOLIN, V. *O jogo no livro do diretor*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TORRES, T. C. P. *Educação Patrimonial na Escola: uma experiência entre o ensino de História e o Patrimônio Cultural em Pedro Osório (RS)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História – FURG. 2014, 150p.

YOUNG, Ed. *Os sete camundongos cegos*. Martins Fontes, 2011.

ção 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Recebido: 10/06/2022

Aceito: 22/08/2022

Aprovado para publicação: 00/00/0000

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribui-